

FREIDA McFADDEN



A EMPREGADA

Bem-vinda à família.





A Editora Arqueiro agradece a sua escolha.
Agora, você tem em mãos um dos nossos livros
e pode ficar por dentro dos nossos lançamentos,
ofertas, dicas de leitura e muito mais!

Clique aqui para assinar
nossa newsletter e receber
as novidades diretamente
em seu e-mail.

A EMPREGADA



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura

extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

FREIDA McFADDEN



A
EMPREGADA



Título original: *The Housemaid*
Copyright © 2022 por Freida McFadden
Copyright da tradução © 2023 por Editora Arqueiro Ltda.
Publicado originalmente na Grã-Bretanha por Storyfire Ltd, Bookouture.
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Roberta Clapp

preparo de originais: Karen Alvares

revisão: Ana Grillo e Mariana Bard

diagramação: Abreu's System

capa: Lisa Horton

adaptação de capa: Gustavo Cardozo

imagens de capa: Golden Dayz (olho); Imagine CG Images (fechadura); Zebra-Studio (textura da porta)

foto da autora: © Mira Whiting

e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M144e

McFadden, Freida

A empregada [recurso eletrônico] / Freida McFadden ; tradução Roberta Clapp.
- 1. ed. - São Paulo : Arqueiro, 2023.
recurso digital

Tradução de: The housemaid

Formato: epub

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-65-5565-507-0 (recurso eletrônico)

1. Ficção inglesa. 2. Livros eletrônicos. I. Clapp, Roberta. II. Título.

23-82996

CDD: 823

CDU: 82-3(410.1)



Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Todos os direitos reservados, no Brasil, por

Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

SUMÁRIO

Prólogo

Parte I

Um

Dois

Três

Quatro

Cinco

Seis

Sete

Oito

Nove

Dez

Onze

Doze

Treze

Catorze

Quinze

Dezesseis

Dezessete

Dezoito

Dezenove

Vinte

Vinte e um
Vinte e dois
Vinte e três
Vinte e quatro
Vinte e cinco
Vinte e seis
Vinte e sete
Vinte e oito
Vinte e nove

Trinta

Trinta e um
Trinta e dois
Trinta e três
Trinta e quatro
Trinta e cinco
Trinta e seis
Trinta e sete

Parte II

Trinta e oito
Trinta e nove
Quarenta
Quarenta e um
Quarenta e dois
Quarenta e três
Quarenta e quatro
Quarenta e cinco
Quarenta e seis

Quarenta e sete
Quarenta e oito
Quarenta e nove
Cinquenta

Parte III

Cinquenta e um
Cinquenta e dois
Cinquenta e três
Cinquenta e quatro
Cinquenta e cinco
Cinquenta e seis
Cinquenta e sete
Cinquenta e oito
Cinquenta e nove
Sessenta
Sessenta e um

Epílogo

Sobre a autora
Sobre a Arqueiro

PRÓLOGO

Se eu sair desta casa, será algemada.

Devia ter fugido quando tive chance, mas perdi a oportunidade. Agora que os policiais estão dentro da casa e descobriram o que há lá em cima, não dá mais para voltar atrás.

Estão prestes a me prender, a ler meus direitos. Não sei por que ainda não o fizeram. Talvez estejam achando que podem me convencer a contar algo que não deveria.

Boa sorte com isso.

O policial de cabelo preto meio grisalho está sentado no sofá ao meu lado. Ele remexe o corpo atarracado no couro italiano cor de caramelo queimado, e me pergunto que tipo de sofá tem em casa. Com certeza não custa cinco dígitos como este. Provavelmente, o dele é de uma cor cafona como *laranja*, coberto de pelos de animais de estimação e com alguns rasgos nas costuras. Fico imaginando se ele está pensando no sofá que tem em casa e desejando ter um como este.

Ou, mais provavelmente, se ele está pensando no cadáver localizado no sótão acima de nós.

– Vamos revisar os fatos mais uma vez – diz o policial com seu sotaque de Nova York.

Ele se apresentou mais cedo, mas esqueci completamente seu nome. Policiais deveriam usar crachás vermelhos brilhantes. De que outra forma

alguém poderia se lembrar do nome deles em uma situação de estresse elevado? Acho que ele é um detetive.

– Quando você encontrou o corpo?

Faço uma pausa, me perguntando se este seria o momento certo para exigir a presença de um advogado. Eles não tinham que me oferecer um? Estou enferrujada neste tipo de procedimento.

– Mais ou menos uma hora atrás – respondo.

– Por que você foi lá em cima, pra início de conversa?

Contraio os lábios.

– Já disse. Ouvi um barulho.

– E?

O policial se inclina para a frente, os olhos arregalados. Está com a barba por fazer no queixo, como se não tivesse tido tempo de se barbear esta manhã. Sua língua se projeta um pouquinho entre os lábios. Não sou burra – sei exatamente o que ele quer que eu diga.

Fui eu. Sou culpada. Podem me levar.

Em vez disso, me recosto no sofá.

– E é isso. É tudo que eu sei.

A decepção toma conta do rosto do detetive. Ele cerra o maxilar enquanto pensa nas evidências que foram encontradas até agora na casa. Está se perguntando se já tem o suficiente para colocar as algemas nos meus pulsos. Não tem certeza. Se tivesse, já teria feito isso.

– Ei, Connors!

É a voz de outro agente. Rompemos o contato visual, e olho para o alto da escada. O policial, muito mais jovem, está parado ali, seus dedos longos agarrando o topo do corrimão. O rosto sem rugas está pálido.

– Connors – repete o mais jovem. – Você precisa vir aqui... *agora*. Precisa ver o que tem aqui. – Mesmo do pé da escada, consigo ver o pomo de adão dele mexendo enquanto ele engole em seco. – Você não vai acreditar.

PARTE I

Três meses antes

UM
MILLIE

– Me fala de você, Millie.

Nina Winchester se inclina para a frente em seu sofá de couro cor de caramelo, as pernas cruzadas revelando apenas uma nesga de seus joelhos, que espreitam sob a saia de seda branca. Não entendo muito de marcas, mas é óbvio que tudo que Nina Winchester está vestindo é absurdamente caro. Sua blusa creme me faz querer esticar a mão para sentir o tecido, mesmo que um movimento como esse fosse eliminar qualquer chance de eu ser contratada.

Para ser franca, não tenho nenhuma chance de ser contratada.

– Bem... – começo, escolhendo minhas palavras com cuidado. Mesmo depois de todas as rejeições, ainda tento. – Eu cresci no Brooklyn. Tive muitos empregos fazendo tarefas domésticas pras pessoas, como você pode ver no meu currículo. – Meu currículo *cuidadosamente adulterado*. – E amo crianças. E também... – olho ao redor da sala, procurando algum brinquedo de cachorro ou uma caixa de areia para gatos – ... adoro animais de estimação...

O anúncio on-line para empregada não mencionava bichinhos de estimação. Mas é melhor garantir. Quem não aprecia alguém que goste de animais?

– Brooklyn! – A Sra. Winchester sorri para mim. – Eu cresci no

Brooklyn também. Somos praticamente vizinhas!

– Somos, sim! – confirmo, embora nada esteja mais longe da verdade.

Há muitos bairros cobiçados no Brooklyn, onde você vai dar um rim por uma casinha geminada. Não foi onde cresci. Nina Winchester e eu não poderíamos ser mais diferentes, mas, se ela quer acreditar que somos vizinhas, fico feliz da vida em concordar.

A Sra. Winchester enfia uma mecha de seu cabelo louro, dourado e brilhante atrás da orelha. Os fios batem na altura do queixo, num corte elegante que não destaca sua papada. Ela está na faixa dos trinta e, com um penteado e roupas diferentes, teria uma aparência bastante comum. Mas ela usa sua considerável riqueza para valorizar ao máximo o que tem. Não posso dizer que não respeito isso.

No que diz respeito à minha aparência, segui exatamente a direção oposta. Posso ser mais de dez anos mais nova do que a mulher sentada à minha frente, mas não quero que ela se sinta ameaçada por mim. Então, para a entrevista, escolhi uma saia comprida de lã pesada que comprei num brechó e uma blusa branca de poliéster com mangas bufantes. Meu cabelo louro-escuro está puxado para trás em um coque austero. Comprei até óculos com armação de tartaruga, grandes e desnecessários, que ficam empoleirados no meu nariz. Pareço profissional e nada atraente.

– Então, o trabalho – diz ela. – É principalmente cuidar da limpeza e cozinhar um pouco, se estiver disposta. Você cozinha bem, Millie?

– Cozinho, sim. – Minha habilidade na cozinha é a única coisa no meu currículo que não é mentira. – Sou uma excelente cozinheira.

Seus olhos azul-claros se iluminam.

– Que ótimo! Na verdade, quase nunca comemos uma boa comidinha caseira. – Ela ri. – Quem tem tempo pra isso?

Eu a julgo, mas engulo qualquer tipo de resposta. Nina Winchester não trabalha; ela é mãe de uma única criança, que passa o dia inteiro na escola, e está contratando alguém para limpar a casa. Inclusive, vi um homem cuidando do seu imenso jardim da frente. Como é que ela não tem tempo para cozinhar uma refeição para sua pequena família?

Eu não deveria julgar a mulher. Não sei nada sobre a vida dela. Só

porque ela é rica, não significa que seja mimada. Mas, se tivesse que apostar 100 dólares mesmo assim, apostaria que Nina Winchester é uma riquinha mimada.

– E também vamos precisar de ajuda com a Cecelia de vez em quando – continua a Sra. Winchester. – Talvez levando para as aulas que ela tem à tarde ou para brincar com os coleguinhas. Você tem carro, não tem?

Quase dou risada diante da pergunta dela. Sim, eu tenho um carro – é a *única coisa* que tenho neste momento. Meu Nissan de dez anos de idade está empestecendo a rua em frente à casa dela, e é onde moro atualmente. Tudo que tenho está no porta-malas daquele carro. Passei o último mês dormindo no banco de trás.

Depois de um mês morando no próprio carro, você percebe a importância das pequenas coisas da vida. Um banheiro. Uma pia. Ser capaz de esticar as pernas enquanto dorme – é disso que sinto mais falta.

– Sim, eu tenho carro – confirmo.

– Excelente! – A Sra. Winchester bate palmas. – Vou arrumar uma cadeirinha para a Cecelia, é claro. Ela só precisa de um assento de elevação. Ainda não chegou ao peso e à altura ideais pra ficar sem o assento. A Academia de Pediatria recomenda...

Enquanto Nina Winchester fala sem parar sobre os requisitos exatos de altura e peso para assentos de carro, tiro um momento para olhar ao redor da sala. A mobília é toda ultramoderna, com a maior televisão de tela plana que já vi, e tenho certeza de que é um aparelho de alta definição e de que há alto-falantes *surround* embutidos em todos os cantos do ambiente para uma experiência de áudio perfeita. Na ponta da sala está o que parece ser uma lareira em funcionamento, com a cornija cheia de fotografias dos Winchesters em viagens a todas as partes do mundo. Quando olho para cima, percebo que o teto insanamente alto brilha iluminado por um lustre cintilante.

– Você não acha, Millie? – pergunta a Sra. Winchester.

Pisco para ela, aturdida. Tento rebobinar minha memória e descobrir o que ela acabou de me perguntar, mas me escapou.

– Claro? – respondo, meio hesitante.

Seja lá com o que eu tenha concordado, ela fica radiante.

– Estou *tão* feliz que você pense assim também.

– Com certeza – digo com mais firmeza desta vez.

Ela descruza e volta a cruzar as pernas um tanto atarracadas, acrescentando:

– E, claro, tem a questão do pagamento. Você viu a proposta no anúncio, certo? É um valor aceitável pra você?

Engulo em seco. O valor no anúncio é mais do que aceitável. Se eu fosse um personagem de desenho animado, os cifrões teriam saltado de cada um dos meus globos oculares quando li aquele anúncio. Mas o dinheiro quase me impediu de me candidatar ao emprego. Ninguém oferecendo tanto, morando numa casa como esta, pensaria em me contratar.

– Sim – falo, um pouco sufocada. – Está ótimo.

Ela arqueia uma sobrancelha.

– E você sabe que é preciso morar aqui, certo?

Ela está me perguntando se por mim tudo bem deixar o esplendor do banco de trás do meu Nissan?

– Claro. Sei, sim.

– Maravilha! – Ela puxa a barra da saia e se levanta. – Quer conhecer a casa? Pra ver no que você está se metendo?

Eu me levanto também. De salto alto, a Sra. Winchester é apenas alguns centímetros maior do que eu nos meus sapatos de salto baixo, mas parece que é muito mais.

– Por mim, está ótimo!

A Sra. Winchester me conduz em um tour minucioso pela casa, a ponto de eu ficar preocupada de ter errado o anúncio e talvez ela ser uma corretora achando que estou pronta para comprar um imóvel. É uma bela casa *mesmo*. Se tivesse 4 ou 5 milhões de dólares sobrando, eu a arrebataria. Além do térreo contendo a gigantesca sala de estar e a cozinha recém-reformada, no segundo andar fica o quarto principal dos Winchesters, o quarto de sua filha, Cecelia, o escritório do Sr. Winchester e um quarto de hóspedes que poderia ter saído diretamente do melhor hotel de Manhattan. Ela faz uma pausa dramática na frente da porta seguinte.

– E aqui é... – abre bem a porta – ... nosso cinema em casa!

É um cinema de verdade *dentro da casa deles* – além da televisão gigantesca no térreo. Esta sala tem diversas fileiras de poltronas, de frente para uma tela que vai do chão ao teto. Há até mesmo uma máquina de pipoca no canto.

Depois de alguns segundos, noto que a Sra. Winchester está olhando para mim, esperando uma reação.

– Uau! – exclamo, com o que espero que seja o entusiasmo apropriado.

– Não é maravilhoso? – Ela estremece de alegria. – E nós temos uma biblioteca completa de filmes pra escolher. Claro, também temos todos os canais básicos e os serviços de streaming.

– Claro.

Depois que saímos da sala de cinema, chegamos a uma última porta no final do corredor. Nina faz uma pausa, com a mão na maçaneta.

– Este seria o meu quarto? – pergunto.

– Mais ou menos...

Ela gira a maçaneta, que range ruidosamente. Não posso deixar de notar que a madeira desta porta é muito mais pesada do que a de todas as outras. Atrás dela, há um lance de escadas na escuridão.

– Seu quarto é lá em cima. Tem também um sótão todo reformado.

Esta escada escura e estreita é um pouco menos glamourosa do que o resto da casa – e daria tanto trabalho assim colocar uma lâmpada aqui? Mas, é claro, eu sou a empregada. Não posso esperar que ela gaste tanto dinheiro no meu quarto quanto na sala de cinema.

No topo da escada há um corredorzinho estreito. Ao contrário do primeiro andar da casa, o teto é perigosamente baixo aqui. Não sou nem um pouco alta, mas quase preciso me abaixar.

– Você tem o seu próprio banheiro. – Ela indica com a cabeça uma porta à esquerda. – E este é o seu quarto.

Ela abre a última porta. Está completamente escuro lá dentro, até que ela puxa uma cordinha e o cômodo se ilumina.

O quarto é minúsculo. Não há outra forma de definir. Não só isso, como também o teto é inclinado, acompanhando o telhado da casa. O lado mais

baixo bate na minha cintura. Em vez da enorme cama king-size do quarto principal dos Winchesters, do imenso armário e da penteadeira marrom, este quarto contém uma caminha dobrável de solteiro, uma estante baixa e uma cômoda pequena, iluminada por duas lâmpadas pendendo do teto.

É um cômodo modesto, mas, por mim, tudo bem. Se fosse bom *demais*, com certeza eu não teria chance de conseguir esse trabalho. O fato de o quarto ser meio ruim significa que talvez os padrões dela sejam baixos o suficiente para que eu tenha uma chance bem pequenininha.

Há algo mais sobre este quarto, porém. Algo que está me incomodando.

– Desculpa, é pequeno mesmo. – A Sra. Winchester faz uma careta. – Mas você vai ter muita privacidade aqui.

Ando até a única janela. Como o quarto, também é pequena, pouco maior que a minha mão. E tem vista para o quintal. Há um jardineiro lá embaixo – o mesmo cara que vi no jardim da frente – aparando uma das cercas vivas com um enorme conjunto de tesouras.

– Então, o que você acha, Millie? Gostou?

Eu me afasto da janela para olhar para o rosto sorridente da Sra. Winchester. Ainda não consigo identificar o que está me incomodando. Há algo em relação a este quarto que está formando uma pequena bola de pavor na boca do meu estômago.

Talvez seja a janela – dá para os fundos da casa. Se acontecesse alguma coisa e eu tentasse chamar a atenção de alguém, ninguém conseguiria me ver aqui. Poderia gritar e berrar o quanto quisesse, mas não seria ouvida.

Mas quem estou querendo enganar? Eu teria sorte se morasse neste quarto.

Com um banheiro só para mim e uma cama de verdade, onde poderia esticar minhas pernas por completo. Aquela cama dobrável minúscula parece tão boa, comparada ao meu carro, que eu poderia chorar.

– É perfeito.

A Sra. Winchester parece ficar em êxtase com a minha resposta. Ela me conduz de volta pela escada escura até o segundo andar da casa, e, quando saio dali, solto o ar que não percebi que estava prendendo. Há algo muito

assustador naquele quarto, mas, se por algum acaso eu conseguir esse emprego, vou superar isso. Fácil, fácil.

Meus ombros finalmente relaxam e meus lábios estão formando outra pergunta quando ouço uma voz atrás de nós.

– Mamãe?

Paro de repente e, ao me virar, vejo uma garotinha parada no corredor. A menina tem os mesmos olhos azul-claros de Nina Winchester, apenas alguns tons mais suaves, e seu cabelo é tão louro que chega a ser quase branco. A garota está usando um vestido azul muito claro com renda branca. E está me encarando como se pudesse ver dentro de mim. Bem através da minha *alma*.

Sabe esses filmes sobre seitas bizarras em que, tipo, crianças assustadoras conseguem ler mentes, adoram o diabo e vivem em milharais ou algo assim? Bem, se estivessem em busca de atores para um filme desses, essa menininha conseguiria o papel. Eles nem teriam que fazer um teste com ela. Dariam uma olhada e diriam “É isso aí, você é a garotinha assustadora número três.”

– Cece! – exclama a Sra. Winchester. – Você já voltou da aula de balé?

A menina assente devagar.

– A mãe da Bella me trouxe.

A Sra. Winchester envolve os ombros estreitos da criança com os braços, mas a expressão da garota não muda e seus olhos azul-claros não abandonam meu rosto em momento algum. Será que tem algo de errado comigo por estar com medo de que essa menina de 9 anos me mate?

– Essa é a Millie – diz a Sra. Winchester à filha. – Millie, esta aqui é a minha filha, Cecelia.

Os olhos da pequena Cecelia são duas gotas do oceano.

– Muito prazer, Millie – diz ela com educação.

Se eu conseguir esse emprego, diria que há pelo menos vinte e cinco por cento de chance de ela me matar enquanto durmo. Mas, mesmo assim, eu o quero.

A Sra. Winchester dá um beijo no topo da cabeça louro da filha e, em seguida, a menininha corre para o próprio quarto. Sem dúvida, ela tem uma casa de bonecas assustadora lá dentro, onde as bonecas ganham vida à noite.

Talvez eu seja morta por uma delas. Ok, estou sendo ridícula. Provavelmente essa garotinha é um doce. Não é culpa dela estar vestida com uma roupa de criancinha-vitoriana-fantasma-assustadora. E, em geral, adoro crianças. Não que eu tenha interagido muito com elas nos últimos dez anos.

Assim que voltamos ao primeiro andar, a tensão deixa meu corpo. A Sra. Winchester é bastante simpática e normal – para uma mulher tão rica – e, enquanto fala sobre a casa, a filha e o emprego, estou apenas escutando por alto. A única coisa que sei é que este será um ótimo lugar para trabalhar. Eu daria meu braço direito para conseguir essa vaga.

– Você tem alguma dúvida, Millie? – pergunta ela.

Balanço a cabeça.

– Não, Sra. Winchester.

Ela estala a língua.

– Por favor, me chame de Nina. Se você for trabalhar aqui, vou me sentir ridícula se ficar me chamando de *Sra. Winchester*. – Ela ri. – Como se eu fosse uma velhinha rica.

– Pode deixar... Nina.

O rosto dela brilha, embora possa ser apenas a alga marinha, casca de pepino ou qualquer outra coisa que pessoas ricas passam na cara. Nina Winchester é o tipo de mulher que faz tratamentos regulares em spas.

– Estou com um bom pressentimento, Millie. Estou mesmo.

É difícil não me deixar levar pelo entusiasmo dela, não sentir aquele vislumbre de esperança enquanto ela aperta minha palma áspera em sua mão suave de bebê. Quero acreditar que nos próximos dias receberei um telefonema de Nina Winchester, me oferecendo a oportunidade de vir trabalhar em sua casa e finalmente desocupar a Casa Nissan. Quero muito acreditar nisso.

No entanto, se posso dizer algo sobre Nina, é que ela não é nada burra. Ela não vai contratar uma mulher para trabalhar e morar na sua casa, e ainda cuidar de sua filha, sem antes fazer uma verificação básica de antecedentes. E quando ela fizer...

Engulo um nó na garganta.

Nina Winchester me dá um adeus caloroso da porta da frente.

– Muito obrigada por ter vindo, Millie. – Ela estende a mão para apertar a minha mais uma vez. – Prometo que você vai receber uma ligação minha logo, logo.

Não vou. Essa vai ser a última vez que vou pisar nesta casa magnífica. Nunca deveria ter vindo, para início de conversa. Deveria ter tentado um emprego que tivesse a chance de conseguir em vez de desperdiçar nosso tempo aqui. Talvez algo no setor de fast-food.

O jardineiro que vi da janela do sótão está de volta ao jardim da frente. Ele ainda segura as imensas tesouras e está dando forma a uma das cercas vivas bem na frente da casa. É um cara grande, e veste uma camiseta que mostra músculos impressionantes e mal esconde as tatuagens na parte de cima dos braços. Ele ajusta o boné e seus olhos muito escuros se desviam por um instante das tesouras para encontrar os meus do outro lado do gramado.

Levanto a mão em saudação.

– Olá.

O homem me encara, mas não responde. Não diz “Pare de pisar nas minhas flores”. Ele só me olha.

– Prazer em te conhecer também – murmuro baixinho.

Saio pelo portão eletrônico de metal que circunda a propriedade e me arrasto de volta até meu carro-casa. Olho para trás uma última vez em direção ao jardineiro, e ele ainda está me observando. Há algo em sua expressão que me faz sentir um calafrio. Ele então balança a cabeça, quase imperceptivelmente. Quase como se estivesse tentando me alertar.

Mas não diz uma palavra sequer.

DOIS

Quando você mora no seu carro, é preciso simplificar as coisas ao máximo.

Você não vai dar grandes recepções, para início de conversa. Nada de queijos e vinhos, nada de noites de pôquer. Por mim, tudo bem, pois não tenho ninguém para receber. O maior problema é onde tomar banho. Três dias depois de ser despejada da minha quitinete, o que aconteceu três semanas depois de ter sido demitida, descobri uma parada na estrada onde havia chuveiros. Quase chorei de alegria quando vi. Sim, os chuveiros têm bem pouca privacidade e cheiram levemente a dejetos humanos, mas, naquele momento, eu estava desesperada para tomar banho.

Agora estou curtindo meu almoço no banco de trás do meu Nissan. Tenho um fogareiro elétrico que posso ligar no isqueiro do carro para ocasiões especiais, mas, na maioria das vezes, me alimento de sanduíches. Muitos e muitos sanduíches. Tenho uma caixa térmica em que guardo frios e queijos, e costumo arranjar um pão branco – 99 centavos no supermercado. E coisas para petiscar, claro. Sacos de batatas chips. Bolachas com manteiga de amendoim. Bolinhos recheados. As opções nocivas à saúde não têm fim.

Hoje estou comendo presunto e queijo fundido, com um montão de maionese. A cada mordida que dou, tento não pensar em como estou farta de sanduíches.

Depois de me forçar a engolir metade, meu celular toca dentro do bolso.

Tenho um daqueles aparelhos de flip pré-pagos que as pessoas só usam se forem cometer um crime ou se voltaram quinze anos no passado. Mas preciso de um telefone e esse é o único que posso pagar.

– Wilhelmina Calloway? – diz a voz seca de uma mulher do outro lado da linha.

Estremeço ao ouvir meu nome completo. Wilhelmina era a mãe do meu pai, que já morreu há muito tempo. Não entendo que tipo de psicopata batizaria a filha de Wilhelmina, mas não falo mais com meus pais (e eles tampouco falam comigo), então é um pouco tarde para perguntar. De todo modo, sempre fui apenas Millie, e tento corrigir as pessoas o mais rápido que posso. No entanto, tenho a sensação de que quem está me ligando não é alguém por quem serei tratada pelo meu apelido tão cedo.

– Ela mesma.

– Srta. Calloway, aqui é Donna Stanton, do Munch Burgers.

Ah, claro. Munch Burgers – o fast-food gorduroso que me concedeu uma entrevista de emprego alguns dias atrás. Eu fritaria hambúrgueres ou cuidaria do caixa. Mas, se trabalhasse pesado, haveria alguma oportunidade de crescer. E, melhor ainda, uma oportunidade de ter dinheiro suficiente para não morar mais no meu carro.

Claro, o emprego que eu realmente adoraria ter era na casa dos Winchesters, porém já se passou uma semana desde que estive com Nina Winchester. Posso dizer sem dúvida alguma que não consegui o emprego dos meus sonhos.

– Eu só queria avisar – prossegue a Srta. Stanton – que já preenchemos a vaga no Munch Burgers. Mas boa sorte na sua busca por emprego.

O presunto e o queijo se reviram no meu estômago. Eu vi na internet que o Munch Burgers não tem políticas de contratação muito rígidas. Que, mesmo com antecedentes criminais, eu poderia ter uma chance. Esta foi a última entrevista que consegui marcar desde que a Sra. Winchester não me ligou de volta – e estou desesperada. Não posso comer mais nenhum sanduíche dentro do meu carro. Simplesmente *não posso*.

– Srta. Stanton – deixo escapar. – Estou aqui pensando... Será que

poderia me contratar em qualquer outro local? Sou muito trabalhadora. E muito confiável. Eu sempre...

Paro de falar. Ela já desligou.

Agarro meu sanduíche com a mão direita enquanto seguro o celular com a esquerda. Isso é desesperador. Ninguém quer me contratar. Todo empregador em potencial olha para mim exatamente da mesma maneira. A única coisa que eu quero é começar de novo. Vou me matar de trabalhar se for preciso. Vou fazer tudo que puder.

Luto contra as lágrimas, embora não saiba por que estou me dando ao trabalho. Ninguém vai me ver chorando no banco de trás do meu Nissan. Não há mais ninguém que se importe comigo. Meus pais me largaram de mão há mais de dez anos.

Meu celular toca novamente, me tirando do meu showzinho de vitimismo. Enxugo os olhos com as costas da mão e clico no botão verde para atender à chamada.

– Alô? – Minha voz sai embargada.

– Alô? É a Millie?

A voz soa vagamente familiar. Pressiono o aparelho contra o ouvido, o coração martelando no peito.

– É ela mesma...

– Aqui é Nina Winchester. Você fez uma entrevista comigo na semana passada, lembra?

– Ah. – Mordo meu lábio inferior com força. Por que ela está retornando a esta altura? Presumi que já houvesse contratado alguém e decidido não me informar. – Lembro, claro.

– Então, se ainda estiver interessada, teremos o maior prazer em lhe oferecer a vaga.

Sinto o sangue subir à cabeça e quase fico tonta. *Teremos o maior prazer em lhe oferecer a vaga.* Será que ela está falando sério? Era concebível que o Munch Burgers pudesse me contratar, mas parecia totalmente impossível que uma mulher como Nina Winchester fosse me convidar para dentro de sua casa. Para *morar* lá.

Será que ela não checkou as minhas referências? Não fez uma simples

verificação de antecedentes? Talvez seja tão *ocupada* que nunca chegou a fazer nada disso. Talvez seja uma dessas mulheres que se orgulham da própria intuição.

– Millie? Você está aí?

Percebo que fiquei em absoluto silêncio do outro lado da linha, de tão atordoada.

– Sim. Estou aqui.

– Então, você ainda está interessada na vaga?

– Estou, sim. – Tento não parecer ridiculamente ansiosa. – Com certeza, estou. Adoraria trabalhar pra você.

– Trabalhar *comigo* – me corrige Nina.

Solto uma risada abafada.

– Isso. Claro.

– Então, quando você pode começar?

– Hum, quando gostaria que eu começasse?

– Assim que puder! Temos uma tonelada de roupas limpas que precisam ser dobradas!

Sinto inveja de como a risada fácil de Nina soa tão diferente da minha. Queria poder estalar os dedos e trocar de lugar com ela. Engulo em seco.

– Que tal amanhã?

– Seria ótimo! Mas você não precisa de tempo pra empacotar suas coisas?

Não quero dizer a ela que tudo que possuo já está no porta-malas do meu carro.

– Sou rápida nisso.

Ela ri novamente.

– Adoro seu entusiasmo, Millie. Mal posso esperar pra você vir trabalhar aqui em casa.

Enquanto Nina e eu tratamos de alguns detalhes sobre o dia seguinte, me pergunto se ela sentiria o mesmo por mim se soubesse que passei os últimos dez anos na cadeia.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A Empregada"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).